

Clima seco preocupa produtores da cafeicultura

Em seminário da Associação Comercial de Santos, setor espera safra volumosa

MARCELO SANTOS

10/05/2018 - 17:04 - Atualizado em 10/05/2018 - 17:39

 Curtir 0
  Tweetar
  G+
  ENVIAR



Seminário de Café em Guarujá: produtores começam a colher safra (Foto: Vanessa Rodrigues)

Todos os anos, a cafeicultura fica temerosa com o impacto do frio sobre a produção, tal como no final dos anos 1970, quando uma geada queimou os cafezais. Porém, agora a preocupação é com efeito do clima seco sobre uma safra que pode ser recorde.

As tendências para a lavoura marcaram nesta quarta-feira (9) a abertura dos debates no 22o. Seminário Internacional de Café de Santos, no Sofitel Jequitimar, em Guarujá. O evento, que nesta edição traz o tema Quebrando recordes, sobre a expectativa de uma grande safra este ano, é organizado pela Associação Comercial de Santos (ACS).

O superintendente da Cooxupé, Lúcio de Araújo Dias, afirma que a entidade de Guaxupé (MG), que é a maior cooperativa de cafeicultores do mundo, discutiu com o professor da USP Pedro Silva Dias, especialista em clima, as tendências para este ano.

Segundo Lúcio Dias, o cientista afirmou que as chuvas serão intensas só em outubro (o local pesquisado é o Sul de Minas). "A chuva é importante para a cafeicultura em abril e maio, mas tivemos o terceiro abril mais seco em 100 anos", revela o superintendente da Cooxupé.

Por isso, Lúcio Dias é pouco empolgado sobre a expectativa de uma supersafra de café este ano. "O clima tem sido extremamente perverso".

Em entrevista a A Tribuna, o presidente do Conselho de Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), Nelson Carvalhaes, espera uma safra brasileira entre 55 milhões e 58 milhões de sacas, se não ocorrerem problemas pelo caminho.

Ele não usa a expressão supersafra e sim uma "boa safra". Porém, quando há uma grande produção, os preços tendem a cair, bom para o consumidor, mas ruim para os produtores após investimentos.

Entretanto, o consumo mundial está em alta, o que vai ajudar a desaguar as produções provavelmente também maiores da Colômbia e Vietnã.

Consumo internacional

O diretor-geral da Olam Internacional, de Cingapura, Vivek Verma, afirma que o consumo mundial em média cresce 2,6% ao ano. No caso do segmento de cafés especiais, o avanço é maior ainda, de 13%.

O primeiro dia do seminário contou ainda com a economista-chefe da XP Investimentos, Zeina Latif. Ela afirmou que a realização de reformas, principalmente a tributária e da Previdência, serão obrigatórias para o próximo governo para que o País cresça mais de 2% nos próximos anos.

O seminário foi aberto ontem pelo presidente da ACS, Roberto Clemente Santini, diretor-presidente da TV Tribuna. Ele afirmou que a produção de café esperada no País vai atender os crescentes mercados externo e interno.

"O networking é o ponto forte (do seminário), consolidando negócios e oportunidades futuras", disse. Santini se referiu a uma tradição do evento, que costuma atrair compradores e vendedores de café, entre outros profissionais do mercado.

A solenidade de abertura contou ainda com o secretário de Finanças de Guarujá, Adalberto Ferreira da Silva, o vice-prefeito de Santos, Sandoval Soares, e o diretor-geral da Organização Internacional do Café (OIC), José Sette, entre outros nomes. O diretor-presidente de A Tribuna, Marcos Clemente Santini, também participou do seminário.

Os debates do último dia do evento começam hoje às 9 horas com o ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, e o chefe-geral da Embrapa Territorial, Evaristo Miranda.

Grandes fundos

O agronegócio do café é um segmento acostumado a tradições. Seus produtores, como as gerações anteriores, tentam neste período do ano, que é quando a safra se inicia, antever o impacto do clima no campo e como está o ânimo dos consumidores.

Entretanto, o setor de café sente o peso dos grandes fundos de investimento, despreocupados com os custos de produção, mas obstinados com o lucro nas operações.

O diretor-geral da Olam Internacional, de Cingapura, Vivek Verma, diz que os fundos de commodities agrícolas (café, milho, açúcar, etc) movimentam US\$ 3,5 trilhões.

A parte dos fundos destinada ao café não é tão grande em relação ao total, mas, segundo Verma, suficiente para interferir nos preços. A reclamação dos produtores é de que a especulação acaba definindo uma tendência de cotação que antes dependia do campo.

Há ainda estudos que apontam que fundos de petróleo chegam a influenciar os preços do café. Em busca de cotações atraentes, os gestores migram de uma commodity a outra e o fluxo gigantesco de capital traz volatilidade. Portanto, foi-se o tempo em que o cafeicultor olhava apenas para o clima.

O diretor-executivo da Volcafe-ED&F Man, Trishul Mandana, um dos palestrantes de ontem do Seminário Internacional de Café, diferenciou os fundos que negociam a commodity. Entre os que chamam mais a atenção estão os controlados por inteligência artificial. Eles atraem cada vez mais investidores.

De acordo com Verma, 30% dos fundos comercializados já são movimentados por inteligência artificial.

Mandana conta que os fundos de inteligência artificial são administrados por profissionais com PhD que inserem as tendências de mercado sem interação humana.

Os críticos acham que os fundos em geral causam mais distorções do que realmente refletem a demanda e oferta do mercado de café.

Altas e baixas intensas

O resultado disso é que as cotações do café sofrem altas e baixas cada vez mais intensas nos últimos anos, surpreendendo produtores que tentam ajustar seus custos para garantir o lucro.

O tema é complexo. Analistas alegam que os fundos trazem mais liquidez ao mercado, resultando em fluxo de recursos aos produtores.



Painel de cotações no Seminário de Café: altas e baixas estão mais intensas (Foto: Vanessa Rodrigues)